**Marcela Oliveira**

**Ginástica Rítmica**

**Início da transcrição**

**Marcela, obrigada por você ter me recebido, Marcela e eu queria que você me contasse a sua história.**

* Bom, primeiro obrigada pelo convite. Assim eu comecei na ginástica rítmica muito novinha, mas como uma forma de lazer na escola, mais no meio escolar.

**Aqui em Salvador?**

* Aqui em Salvador mesmo, na escola onde eu estudava. E assim, com o tempo eu vi que eu tinha potencial, minha técnica veio me mostrando isso, me apaixonei pelo esporte, fui me dedicando cada vez mais, e aos pouquinhos eu fui conquistando assim títulos estaduais, depois comecei a aparecer nacionalmente nos campeonatos brasileiros, até o ano de 2003 que eu ingressei na seleção brasileira individual.

**Você nasceu em que ano?**

* Eu nasci em 86. Então...

**É só para eu poder ter referência para fazer as contas depois.**

* Eu comecei a treinar, eu não tenho certeza se foi em 95 ou 96. Aí nisso em 2005 eu ingressei na seleção de conjuntos, que foi através dela que eu consegui estar nas olimpíadas. Então antes dos treinamentos a gentes chama de o ciclo olímpico, de 2005 a 2008 foi feito a preparação, participei de diversos mundiais com as meninas, a minha equipe, representando a seleção brasileira e ganhamos o pan-americano, fomos conquistando todos os nossos objetivos até chegar às olimpíadas.

**Como é que é... Você falou que começou a treinar com cinco anos. Começou a praticar?**

* Não, tem alguma coisa errada. E eu comecei com 9 anos. Com 9 anos.

**E isso, quem te descobriu foi a sua professora da escola, o foi no clube?**

* Foi na escola mesmo.

**Foi na escola e aí ela te encaminhou para o clube?**

* Não.

**Depois de um tempo? Não? Como é que foi isso?**

* Na verdade eu mantive os meus treinamentos na escola. Essa coisa é bem difícil de acontecer, mas a realidade aqui, eu acho que não só aqui em Salvador, mas muito aqui em Salvador, a gente não tem clube. Na prática não há investimento, não há ginásio, é muito caro aluguel de ginásio no clube fez, os clubes estão se acabando, são poucos, não tem estrutura. Então acaba que as escolas têm mais estrutura. Apesar de que é difícil, porque a gente tem que competir com todos os outros esportes, e com a educação física. Aí fica complicado treinar. Mas assim, a minha técnica e eu, a gente se esforçou bastante com o apoio de outras pessoas também, da presidente da federação, os patrocínios que eu tive, e daí assim, fiz treinamentos fora.

**Você saiu daqui de Salvador em algum momento para treinar?**

* Saí. Em alguns momentos.

**Para onde você foi?**

* Assim. Fiz vários treinamentos assim de um mês, semanas, mas na verdade em 2003, 2004 quando eu estava assim mais no auge, eu passava, passei um tempo em Londrina, desculpa, em Toledo. Eu fiquei em Toledo, porque lá fica uma equipe muito grande, da ginástica rítmica é uma das maiores equipes.

**Toledo é Paraná?**

* É Paraná. Eu passei um tempo treinando lá, alguns meses, até que em 2004 eu recebi um convite de Brasília, recebi do Exército, que atualmente é o meu clube, eu sou confederada por lá, por que ia ter um campeonato brasileiro e aqui eu não tinha uma equipe. Eu só competia e individualmente. Só que o meu objetivo era estar em um conjunto. E surgiu uma conversa que não era muito certa, mas assim, que no campeonato brasileiro de conjuntos estaria sendo realizada a seletiva para selecionar as meninas que estariam num conjunto. Então, poxa é a minha única oportunidade. Aí aceitei, fui para lá, fiquei treinando, a gente foi para esse campeonato, não foi seletiva, mas no ano seguinte, em 2005 teve a seletiva, eu passei e daí fui morar em Vitória, Espírito Santo.

**E lá em Vitória você ficou quanto tempo?**

* Eu fiquei até 2009. 2008 foi as olimpíadas, depois eu fiquei até o meio do ano de 2009 para concluir a minha faculdade. Eu comecei lá.

**Você fez o que?**

* Eu fiz educação física.

**E o que te fez buscar a competição por conjunto?**

* Olha, inicialmente para falar a verdade, o conjunto é a única forma que você tem de conquistar, chegar às olimpíadas, ser campeão pan-americano, que é muito mais difícil do que individual. Porquê assim, no Brasil a ginástica rítmica e ela é muito recente, da América em geral. Então os países europeus, a Rússia, os países asiáticos estão muito na frente da gente. Então assim, foi a forma que eu vi conseguir realizar esse meu sonho que era estar nas olimpíadas. Mas depois quando eu fui fazendo parte eu vi que era mais gostoso também trabalhar em equipe, sabe, você dividir as angústias, todo mundo sente a mesma coisa, todo mundo está treinando igual, a felicidade também é diferente quando se conquista um campeonato em grupo. Por isso que eu gosto mais.

**Como é que foi essa conquista, como é que foi o pré-olímpico, como é que foi essa organização, essa preparação de vocês para chegar em Pequim?**

* Assim, da verdade sempre ficou bem claro para a gente, porque não era um número exato, sempre tinha meninas a mais, que a gente chama de reserva, e que ninguém ali tinha lugar garantido. Então assim, desde 2005 de preparo, era muita angústia, de saber se a gente ia...

**Em quantas vocês eram?**

* Era, no início éramos nove.

**Para 4 vagas?**

* Não. O conjunto são cinco meninas que se apresentam, mas são duas coreografias. Então na verdade levam seis meninas, e 4 só são titulares dos dois e duas reservas, uma faz uma coreografia e a outra faz a outra. Então assim, eram nove meninas sendo que tinham mais nove em outro estado, que era como se fosse uma seleção, uma seleção B quer na verdade essas meninas iam estar sendo incorporadas às formas. Então assim, era a luta diária constante, em cada competição a gente tinha que estar se dedicando, tinha que estar indo bem sempre, por que qualquer falha era motivo para a gente ser tirada. Então foi bem complicado.

**É isso vocês estavam morando no Espírito Santo?**

* Morando juntas, tem um apartamento a gente morava.

**E quanto tempo vocês ficaram lá?**

* A gente ficou de maio de 2005 até antes da olimpíadas de 2008, Julho, a gente morando juntas.

**Casamento de nove?**

* Era uma família.

**Onde vocês conquistaram o pré olímpico? Como é que foi o processo do pré olímpico?**

* Foi no ano anterior às olimpíadas em 2007 se realizava, agora mudou um pouco, mas antes se realizava um ano anterior. Então classificava os dez primeiros colocados, e mais duas vagas eram contempladas com os continentes que não haviam conquistado a vaga. Então a gente ficou em 11º, de qualquer forma éramos campeões pan-americanos, bem à frente dos outros países da América, e fomos classificadas.

**É aí como é que foi chegar em Pequim, como é que foi participar dos jogos olímpicos?**

* Foi um sonho acima, porque por mais que você saiba que tenha chance que está ali, como eu falei é uma luta constante, então você fica o tempo todo se perguntando: “Será que eu vou conseguir, será que eu vou chegar lá?” Aí quando você chega, você vê aquele evento assim que é o maior do mundo sabe, que todos os atletas, os melhores atletas do mundo estão ali. Então é uma emoção sem base, o jeito que eles têm recebem, como ídolos mesmo sabe. O carinho e é muito especial. A vila é toda aquela preparação, a estrutura, os ginásios, tudo faz você ficar assim extasiada.

**E como é que foi a participação de vocês nos jogos? Como é que foi, enfim...?**

* Bom, assim, nós fizemos uma primeira apresentação, na primeira coreografia fomos muito bem, quase assim, tínhamos erros que não dava muita diferença, mas assim, a nossa nota foi muito baixa, a gente achou, foi o que a gente apresentou. Mas ficamos bem quanto a isso porque a gente fez a nossa parte, nos apresentamos bem né, isso que estava importando, até porque a gente não tinha chances de medalha, com certeza. No máximo teria chances de a uma final entre os oito, mas a gente também não conseguiu. Mas nosso segundo dia a gente teve com um erro, um erro que a gente não costumava cometer, nem nos treinamentos. Isso mexeu com um pouco com a gente assim. Agora um pouco mais no geral, a gente fez o que estava dentro do pensado, do imaginado.

**Você pratica uma modalidade de altíssima precisão em que você alia a precisão à questão artística. Como é que é dosar essas duas coisas nessa construção da sua identidade como atleta?**

* Olha, eu vou te falar que é o pouco complicado, porque o atleta ele precisa ter muito a cabeça muito preparada assim, muito firme e ao mesmo tempo você tem que passar uma emoção, você tem que sentir a música, sentir a coreografia, passar essa emoção, e estar ligada ali o tempo todo para fazer os elementos perfeitamente. Então às vezes isso desestabiliza assim na hora da apresentação. Se você não estiver com a cabeça firme, não estiver concentrada, preparada, às vezes pode atrapalhar mesmo.

**Como é que você foi desenvolvendo estas questões Marcela, ao longo da sua vida como atleta? Por que isso que você está falando é um raciocínio de uma pessoa adulta. Mas como é que ao longo da sua carreira essas questões vão sendo ensinadas para você?**

* Ensinadas? Na base de muita porrada. É verdade, porque assim, no meu início eu escutava muito assim: “Ah, é ginasta é boa, mas a amarela é demais. Chega na clave e erra tudo, não ter controle emocional. Escutava muito, muito. Até que com a experiência eu foi adquirindo essa maturidade, eu tive mais controle, mais segurança. Até lá seleção brasileira eu escutava muito isso assim, eu era muito emotiva, que eu precisava controlar assim mais racional, digamos assim. As ginastas que se mostravam mais racionais normalmente não erravam assim, tinham menos probabilidade de errar. Até porque tudo que é a gente passa no dia-a-dia, as reclamações, começam a lidar melhor com isso. Então isso eu sofri um pouco, mas eu fui aprendendo com a experiência mesmo, na porrada.

**E aí, vocês... Depois de Pequim, como é que vocês, o que vocês estão fazendo? Como é que você estava fazendo, como é que você está conduzindo a sua vida?**

* Bom, depois de Pequim eu tentei voltar para ginástica pra continuar, mas não consegui, eu tive uma lesão longa, na verdade eu estou retornando agora, após a lesão eu estou retornando.

**Que lesão essa, eu não estou sabendo. O que você teve?**

* Eu tive um desgaste que eu precisava de estar operando. Não sei exatamente o nome.

**Cartilagem, no tendão?**

* É por repetição mesmo na própria articulação assim, por movimento repetitivo, até porque a gente faz muitas trocas, principalmente do braço direito. O ombro direito leva muitas trocas, eu acho que por isso.

**E o seu principal elemento era o quê? Bola, arco, maça?**

* Assim, o código delimita o aparelho que a gente vai fazer. Na época, no início era um conjunto de cinco fitas, e maças e arco. Depois saíam das cinco fitas entrou cinco cordas, todas são aparelhos que movimentam muito, trabalham muito.

**É para falar nisso, como a que você lida com a dor? Ou lidava com a dor, ou enfim, como é que você tem lidado com a dor?**

* Eu não tinha muito problemas quanto para isso, por que assim quando você está no treinamento em que a adrenalina, o sangue esquenta, você acaba não sentido. Mas quando você sai do treino, que está em casa, que precisa estar cuidando assim desse limite entre treinar, tentar melhorar, tem que forçar um pouquinho, ao mesmo tempo tem que cuidar para não ir além, e isso tudo é um cuidado que o próprio atleta tem que ter. Parte mais do atleta do que do técnico, fisioterapeuta. Ele tem que saber o seu limite assim.

**Mas como é que você lidava com isso? Você parava quando você sentia?**

* Nunca parei. Aliás eu acho que eu nunca faltei em nenhum treino. Mesmo doente assim sentido não muito bem, estando com dor de lesão corporal, a gente sempre tem uma lesão muscular, articular, nunca me atrapalhou não. Procurava tentar esquecer, você esquece da dor porque é tanta coisa para você pensar na hora do treino sabe, de aceitar aquela dificuldade, tal elemento, que você acaba esquecendo.

**Mas como é que a lesão que fez parar depois de Pequim?**

* Porque aí não tinha mais como.

**Era isso que eu queria saber.**

* Porque chegou um momento que eu conseguia fazer determinadas coisas básicas. Aí foi diferente. Eu abrir uma porta de um carro, abrir a porta de uma geladeira doía. Eu fazia coisas muito, aliás, parada já doía muito, latejava. Aí eu na verdade foi uma soma de fatores, eu pensei: eu conquistei já os meus objetivos. Será que vale a pena estar continuando, me lesionando? Valia a pena até certo ponto, por que até certo ponto eu não me incomodava se eu tinha uma lesão séria, se poderia acontecer alguma coisa mais grave, porque eu queria estar lá, eu queria ir para uma olimpíada sabe? Mas depois que eu vi, eu pensei, ponderei assim, eu vi que não valia mais a perna.

**E aí quais são os seus planos agora?**

* Olha, eu estou construindo ainda assim, porque eu senti muita saudade de treinar o esporte. Agora eu estou voltando, vou ver as minhas condições, porque eu já estou sem idade que para ginástica digamos assim, eu estou velha, 25 anos eu vou fazer agora não é? Mas eu vou tentar, vou me esforçar para ver o que eu ainda possa render.

**A questão alimentar na ginástica rítmica também é um monstro que persegue vocês?**

* Persegue demais. Muito, extremamente. Porque assim, a ginástica rítmica é um esporte que, é um dos esportes que você precisa dar mais, ter mais horas de treinamento por dia. Você precisa treinar 8 horas por dia. E ao mesmo tempo é um esporte que exige muito estética assim, você tem que ser magra, extremamente magra sabe, e aí você fica, como é que você pode aguentar o treinamento se você não pode comer direito? Porque poder comer direito pode, mas é difícil, porque quando você treina assim você sente muita fome. E você chega em casa e precisa emagrecer. Aí você fica naquele conflito.

**É um paradoxo não é?**

* Eu não conheço uma ginasta sinceramente que não fique assim meio neurótica com isso em determinado momento. Depois de um tempo você vai lidando melhor, você amadurece. Você vai lidando melhor assim, você sabe o que você pode comer, o que você não pode, você sabe que você precisa comer, não adianta, é fazer doideira ficar sem comer, porque você não vai aguentar treinar, vai te fazer mal, mas eu acho que a maturidade que faz você se sentir melhor com isso.

**Ou seja, a disciplina do treino ela transborda para a vida cotidiana em todas as coisas?**

* Com certeza 24h por dia é isso aí. Você não pode esquecer que você que é atleta, sua vida está pautada naquilo ali. Você chega em casa não pode esquecer que você precisa comer direito, que você precisa dormir bem, você precisa dormir, você precisa estar descansava para os treinos.

**E você a tem a expectativa de voltar a treinar agora, você já terminou a reabilitação ou você ainda está em processo de reabilitação?**

* Eu terminei já, mas assim, eu tenho que ir com muito cuidado, porque era na verdade...

**Você chegou a fazer cirurgia?**

* Não. Eu consultei vários médicos, na verdade cinco, cinco médicos me falaram para eu operar, e um falou que achava melhor não.

**E aí você ficou com o que não.**

Só que é assim, esse que falou que achava melhor não, passou do pressuposto que eu não iria continuar treinando, porque eu falei: “*Não, eu não quero mais treinar, você acha que tem necessidade?”*

**Você enganou ele?**

* Enganei. Não mas assim, na verdade eu senti um pouco de medo, porque dizem que a articulação do ombro é a mais difícil de se recuperar. E que você não recupera totalmente. Aí eu imaginei: “Nossa, o ombro direito, eu mexo, os movimentos maiores com braço direito, muito, porque ela ginástica exige muita a amplitude, muita repetição. Então eu prefiro fazer um trabalho de fortalecimento, como esse médico falou também, para evitar que sobrecarregue o ombro. É isso que eu tenho feito, tá bom, tem um ano que eu não tenho sentido mais nada.

**Como é que foi parar de sentir dor?**

* Parar de sentir dor?

**Eu volto à pergunta da dor.**

* Foi a melhor coisa, porque eu estava acostumada a sentir dor todos os dias, porque quando você é atleta, aliás na seleção eu fiz uma lesão que eu fiz porque foi culpa minha também. Que foi logo no início, no primeiro mês que eu entrei na seleção eu me machuquei. Porque eu sou canhota de pernas, o conjunto, as meninas de direita, quase todas. Então eu me sentia obrigada a forçar a minha perna direita, e eu não ponderei muito sabe, não estabeleci muito limite. É aí eu lesionei assim em um dia, e um momento é isso que eu tive que aguentar até as olimpíadas, e até hoje eu tenho uma lesão que eu sinto dor.

**Na perna?**

* É, na perna. Próximo aos músculos tibiais. Então dói quando faz frio, até para andar, para correr, então para forçar a flexibilidade mais ainda. Mas assim, eu aprendi a conviver com essa dor.

**Vida de atleta é fácil não é?**

* É bem fácil.

**Você tem expectativa de pegar a seleção de novo?**

* É uma pergunta difícil. Não, porque assim, eu não acho impossível, e eu acho que eu quiser, se eu ver que realmente esse é meu plano, se eu colocar isso como meu objetivo, eu acho que eu consigo sim. Mas assim, tem muitas meninas boas chegando, mais novinhas, mais bem preparadas fisicamente com todo gás. Então vamos ver aí o resultado.

**E você hoje mora em Salvador, está estabelecida aqui?**

* Sim.

**E seu projeto profissional Marcela?**

* Assim, eu me formei em Educação Física, e estou trabalhando agora, comecei a trabalhar esse ano na escola, como professora de Educação Física e professora de Ginástica Rítmica. Só que eu estou também cursando outra faculdade, eu estou fazendo direito, que eu estou gostando muito, muito, e pretendo seguir essa área assim.

**Então tá bom. Você quer dizer mais alguma coisa?**

* Acho que não.

**Então aí isso querida, muito obrigada, obrigada mesmo pela sua colaboração, e a esse a gente se encontra.**